

Construir um paraíso perdido
Por uma 'casa' livre
Alfredo Matos Ferreira . Álvaro Siza
Habitação, Parede, projeto, 1961-67
Desenrolar uma experiência de desenho
Como lugar de ensaio

instalação-exposição

[notas para nota de divulgação]

“Habitação Dr. Américo Durão” é uma experiência de projeto inédita até ao momento, uma experiência que permaneceu reservada no arquivo profissional de Alfredo Matos Ferreira; um projeto referenciado nas várias versões do currículo profissional por si elaboradas, um registo sumário de uma ocorrência profissional, sem recurso a qualquer tipo de documentação.

O primeiro registo documentado ficou reservado para o livro “Memória”, essa espécie de arrumação de vida que Alfredo Matos Ferreira embalou como fuga ao irrevogável. Presente os critérios que foi (es)forçando para vencer o murmúrio recordatório da memória, “Habitação, Parede, 1964, 1965” é uma inscrição sumária na síntese cronológica do seu percurso profissional, “1950 - 2005. Obras e projetos”, uma listagem documental de todos os trabalhos que realizou ou partilhou, e que, remetida para o fim do livro, parece oferecer-se como voz do carácter essencial da sua obra.

A informação libertada é nota bastante para se entender que, no caso, a acção configurou algo próximo de um anteprojecto, combustão para arquivo, portanto; um processo projetual de resultado magro, contraditório, eventualmente problemático, inconcluso; aproximações para viabilizar uma solicitação que não passou de uma ilusão. Tudo parece, pois, orientar e convencer à descrição do registo.

Mas na revisitação ao que tinha vivenciado profissionalmente, a Alfredo Matos Ferreira nenhum remorso colocaria a cega ou dúbia entrega ao esquecimento desse estudo para uma habitação para o seu tio mecenas, a edificar numa área nobre na Parede, numa parcela de grandes dimensões, exposta ao estuário do Tejo, à baía de Cascais. Naquela revisitação, importou-lhe (a lembrança d) o desafio e o prazer de projetar-aprender, sem deixar de experimentar, num tempo de controvérsias sobre a identidade e a construção da modernidade; e partilhar tudo isto com Siza, elevava ao fim-do-mundo a expectativa da realização duma obra-nova.

Importou-lhe, ainda, e muito, uma condição, um sentido de dever para com (os) outros, para com a comunidade, de rigor ético para consigo, simplesmente porque o que, eventualmente, fosse votado a esse esquecimento, de facto não fora anulado.

A informação libertada tornou-se progressivamente corpo de uma curiosidade voraz – uma provocação, um exercício de sedução. Após o falecimento de Alfredo Matos Ferreira foi possível entrar, deambular, estudar, o arquivo da sua prática profissional; particularmente, ir atrás da “Habitação, Parede, 1964, 1965”. Logo, os documentos digitais, enxutos no propósito comunicacional, produzidos pelo arquiteto a partir de desenhos da época, desenhos que ora dizia perdidos, ora considerava desnecessários para a compreensão do projeto em questão; no imediato, o modelo original, realizado no escritório da Duque da Terceira; depois desenhos de estudo de Álvaro Siza, surpreendentes na tradução da forma de pensar; e depois as coleções de negativos e provas em papel, do modelo original, muitas e de poses estudadas; e depois peças soltas de um processo projetual desenvolvido, aparentemente, em três tempos, sugerindo uma *experiência-de-desenho* de variações bem mais musicais do que o cantado pelas palavras do Alfredo Matos Ferreira; e seguiu-se a tontura, um conjunto de esboços de Álvaro Siza, folhas de bloco, A4's, não assinados, não datados à exceção de um, ASiza (como se fosse preciso) 16/10/62; e certo dia, um golpe mágico, as *meninas*, debaixo do braço, trouxeram caixas grandes, de Urros: de Barraís, chegaram duas espessas pastas arquivo da época, documentação administrativa, correspondência, processos de licenciamento incompletos, documentos camarários, memórias descritivas, plantas topográficas, orçamentos, folhas de gestão do trabalho com anotações processuais, as mais antigas Dezembro de 1961.

A informação libertada fora sinal bastante para se considerar que a “Habitação, Parede, 1964, 1965” se tratara de um andamento para acertar condições e entendimentos de projeto para construção de uma habitação nos arredores de Lisboa; uma possibilidade que se estendeu por dois anos, mas não passou de uma expectativa animada em três episódios, diferenciados entre si, sem elementos de continuidade nas propostas sucessivamente desenhadas: 1964, autoria partilhada com Álvaro Siza; 1964, autoria própria; 1965, autoria própria com menção à colaboração do engenheiro Aires Pereira. Uma identificação – ano, programa, lugar – para documentação discreta: proposta 1, fotografia do modelo da solução realizado à

época, em vista geral de nascente, integral, informando da disposição na parcela e da composição volumétrica; proposta 2, planta do rés-do-chão, perspectiva em desenho digital, vista aérea poente; proposta 3, planta do rés-do-chão, perspectiva em desenho digital, vista aérea nordeste.

A informação reunida tornou-se um fundo informativo de relativa extensão; pertinente na documentação dos diferentes momentos de uma experiência de projeção partilhada; diversificado na tipologia dos materiais produzidos; de recenseamento fechado, no presente momento.

Nesse desenrolar de uma experiência de desenho, a “Habitação Dr. Américo Durão” tornou-se um lugar de ensaio.

A “Habitação Dr. Américo Durão” é um projeto não construído da autoria de Alfredo Matos Ferreira e Álvaro Siza Vieira, à data profissionais tirocinantes, e que há época partilhavam escritório, nas redondezas da Escola de Belas Artes, com António Menéres, Joaquim Sampaio, Luís Botelho Dias, Alberto Neves. Uma ação que se desenvolveu entre 1961 e 1967, em seis atos e algumas variantes. Uma ação que teria constituído uma das primeiras realizações de arquitetos do Porto na região de Lisboa. Uma ação que revela informação original e pertinente para a compreensão do percurso de cada um dos seus autores, mas, sobretudo, sinaliza um momento operativo na crítica à abstração da Arquitetura Moderna e, simultaneamente, um ensaio a questionar e a ultrapassar as ressonâncias do “Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa” – à época ainda muito cultivadas no contexto da arquitetura portuguesa da década de sessenta –, ao encontro de uma Arquitetura clara, por uma ‘casa’ livre.

Manuel Mendes

Investigação, conceção e coordenação